



José Régio no interior do Diana-Bar.  
Pintura a pastel por Rui Cesariny Calafate

**José Régio** é o pseudónimo de José Maria dos Reis Pereira. Nasceu em 17 de Setembro de 1901, em Vila do Conde, cidade onde viveu a infância e adolescência e fez os primeiros estudos. Após uma estadia de dois anos no Porto, para concluir o 3.º ciclo do Curso Liceal, foi para Coimbra para frequentar a Faculdade de Letras. Aí se licenciou em Filologia Românica, em 1925, defendendo a tese intitulada “As correntes e as individualidades na Moderna Poesia Portuguesa”, trabalho em que foi feita, pela primeira vez, a apologia dos poetas da Orpheu. Cedou, iniciou a sua actividade literária em jornais e revistas.

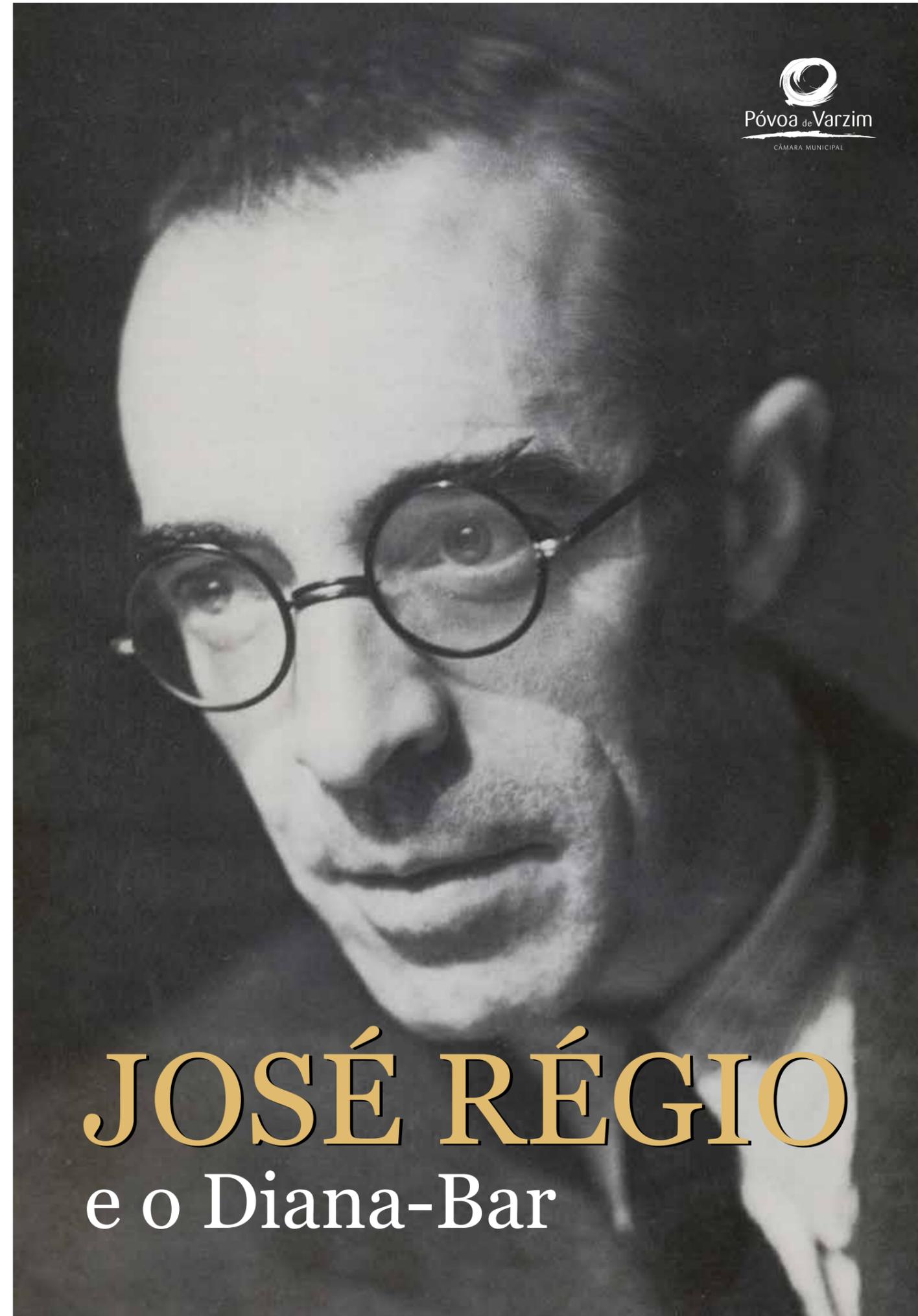
É de salientar a sua colaboração, já na década de 20, nas revistas portuenses *Crisálida* e *A Nossa Revista* e também nas coimbrãs *Bizâncio* e *Tríptico*. Mas foi em Coimbra que consolidou as suas qualidades literárias, fruto do intenso contacto com os livros que vieram a influenciar a sua obra, como ainda pelo convívio com os intelectuais que marcaram um dos períodos mais fecundos do séc. XX, tanto na criação literária como na crítica. No ano seguinte à conclusão da licenciatura, publicou o seu primeiro volume de poesia *Poemas de Deus e do Diabo*, usando, pela primeira vez, o pseudónimo José Régio.

Em Março de 1927, fundou com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, a revista *Presença* que durou treze anos e foi considerada o órgão divulgador do “segundo modernismo”.

Concluído o Curso da Escola Normal, iniciou a carreira docente, com uma breve experiência como professor provisório no Liceu Alexandre Herculano, no Porto, até ser nomeado, em 1930, professor efectivo no liceu de Portalegre, cargo que exerceu até se reformar, em 1962. Desde então viveu alternando a sua residência entre Vila do Conde e Portalegre, até que em 1966, se instalou definitivamente em Vila do Conde. Morreu a 22 de Dezembro de 1969, vítima de doença cardíaca. Trabalhador incansável, partilhou sempre as tarefas docentes com múltiplas actividades. Além da criação literária, manteve a colaboração em jornais e revistas como crítico e polemista. É de realçar o seu envolvimento político, sempre que as situações críticas da vida nacional o justificavam, mantendo-se sempre firme e frontal nos seus ideais socialistas, apesar do regime repressivo de então.

O isolamento a que por vezes se forçava, para criar a sua obra literária, não o impedia das tertúlias dos cafés, que muito apreciava, nem dos contactos com os meios literários que mantinha através da intensa actividade epistolar.

<https://www.joseregio.pt/dados-biobibliograficos/>





Diana-Bar, 1941/42

Do Passeio ao Picadeiro, em plena Avenida dos Banhos, é altura de entrar no Café Diana-Bar. O “espírito do lugar” impõe a ajustada evocação de José Régio. [...] É preciso ler e descobrir José Régio, autor de obra extensa e multifacetada. Cultivou a poesia, o romance, o teatro, o ensaio filosófico, a crítica e a história literária. Obra marcada e percorrida por tempos e lugares: Vila do Conde, Coimbra, Portalegre, Póvoa de Varzim: vivências da geografia em que a vida se esgota e a obra caleidoscopicamente se espelha e eterniza.

Foi a Póvoa lugar de escrita, de convívio, por vezes espaço lúdico. Mesa redonda de café, janela emoldurada de azul e mar, presente nas palavras e apercebida nos raciocínios. Exaltação e memória. “Vila do Conde // (na realidade, Diana Bar da Póvoa // às 10 e tal da manhã //9/12/68”, lê-se em carta que escreveu a seu irmão Apolinário.

Sobre as relações de José Régio com a Póvoa conta-nos Joaquim Pacheco Neves, outro escritor que aqui trabalhou:

“Régio frequentava muito a Póvoa, não porque nela encontrasse grandes belezas naturais que dessem um certo contentamento ao seu espírito de artista, - essas encontrava-as na sua terra natal, tão expressivas e duma serenidade tão comunicativa que, algumas delas, cantou-as no *Romance de Vila do Conde* – mas porque num dos cafés debruçados sobre o mar deparava com um isolamento onde podia trabalhar à vontade, sem que o interrompessem, mesmo quando alongava os olhos sobre o extenso areal, numa pausa, ou recolhidamente meditava no que estava a escrever, enquanto enrolava um cigarro e, num gesto lento, lhe acendia lume.

Diana-Bar, no início do século XXI



Manoel de Oliveira e José Régio, c.1960

Grande parte dos seus últimos livros e, sobretudo, os seus artigos de polémica, foram escritos na Póvoa, à mesa dum dos seus cafés, com grande escândalo de alguns dos seus conterrâneos, que a eles próprios perguntavam por que é que quase todos os dias o viam entrar, a horas certas, numa das camionetas da carreira, com um caderninho debaixo do braço ou um livro de leitura imediata na mão. Seria porque na sua terra não encontrava o isolamento necessário para pensar e os cafés não lhe ofereciam as comodidades que ele precisava para escrever? Seria por simpatia pela terra vizinha, onde tinha alguns dos seus grandes amigos, com quem se encontrava invariavelmente aos sábados para jantarem juntos e travarem discussões que se arrastavam pela noite dentro, sem uma disciplina que lhes pusesse termo e impedisse de acabar junto à capela da Sr.<sup>a</sup> da Guia, na foz do Ave, quando os primeiros livores da madrugada começavam a desenhar o vulto do convento e a recortar os arcos que se iam perder, como uma renda nos pinhais distantes? Seria porque as vistas largas sobre o mar lhe proporcionavam a tranquilidade de espírito necessária à sua inspiração poética e ao silêncio do pensador?”



De Régio e deste “Diana-Bar” em que estamos, escreve João Francisco Marques:

“A primeira menção, porém, da presença do escritor no *Diana* que de Régio se respiga vai deparar-se-nos numa sua carta de 5 de Fevereiro de 1964, ao irmão Apolinário José dos Reis Pereira, artista plástico, então major do exército, a cumprir em África uma comissão militar. Missiva de interesse, como aliás todas as do autor de *El-rei Sebastião*, que por amável deferência do destinatário foram doadas à Biblioteca Municipal “Rocha Peixoto”, por considerar a importância deste café poveiro na vida e obra de Régio, que, para si, estava como o “Moulin Rouge” para Toulouse-Lautrec, o “Nicola” para Bocage e o “Martinho da Arcada” para Fernando Pessoa, e ser esta uma forma de honrar a memória do artista de *Há Mais Mundos*, fazendo de certa maneira voltar as suas cartas ao lugar onde haviam sido escritas. Por entre assuntos de estrito carácter familiar, que bem mostra como era tão atido e dedicado ao seu agregado, debita o poeta, a braços “com excesso de correspondência, de colaborações, de trabalho...”, em que gasta os dias, por temporadas repartidas pelas duas casas que preparava para museus das suas colecções de arte popular, a nortenha vilacondense e a alentejana portalegrense. Assim, escreve: “Como vês, ainda estou em Vila do Conde, e estarei até mais de meados deste mês, fazendo a vida do costume: Ao pequeno almoço, polémicas políticas com o João Maria; depois arrumações pela casa ou trabalho na cama (por causa do frio); à tarde, trabalho no Diana-Bar da Póvoa muito simpático nestes tempos de inverno – e alçado à categoria de gabinete de trabalho pelos intelectuais cá do sítio. O belíssimo sol que tem estado faz de ele uma espécie de estufa; pelas vidraças vê-se o mar franjado de espuma; e, de vez em quando, interrompe-se o trabalho para um café e dois dedos de palestra com o vizinho, que é um dos intelectuais. O resto do bar está deserto.”



José Régio com o grupo da Póvoa, nas escadas de sua casa, em Vila do Conde, setembro de 1963: Flávio Gonçalves, Luís Amaro de Oliveira e Orlando Taipa; Padre João Francisco Marques, Fausto José e José Régio

Foi assim que uma grande parte das “Confissões de um Homem Religioso” foi escrita numa das mesas do “Diana Bar”. – “Um dia, ao regressar da Póvoa de Varzim para almoçar, vinha muito aborrecido, pois lhe faltara um caderno do manuscrito. Logo no fim do almoço, corremos ambos – escreve Orlando Taipa – à Póvoa, ao “Diana Bar”, onde o Escritor fazia o seu gabinete de trabalho quase todas as manhãs, olhando o mar...” O mesmo mar que o Poeta sentia em Vila do Conde quando

“Abria de manhãzinha,  
As vidraças, par em par.  
Entrava o mar no meu quarto  
Só pelo cheiro do ar.  
Ia à praia, e via a espuma  
Rolando pelo areal,  
Espuma verde e amarela  
De noite de temporal!  
Empurrada pelo vento,  
Que em sonhos ouço ventar,  
Ia à praia, e via a espuma  
Pelo areal a rolar...”

Contraponto singular da paisagem alentejana com suas “serras deitadas nas nuvens,/ vagas e azuis da distância”/, o Mar foi/ nos derradeiros anos da vida de Régio, um bálsamo subtil de serenidade vigilante: “... incapaz de qualquer resolução que não seja uma vinda aqui à Póvoa, de onde lhe escreve estas linhas no meu Bar da praia...”

Na esteira de Régio foram muitos os Escritores e Autores – Alberto de Serpa, Agustina Bessa-Luís, Fausto José, João de Araújo Correia, Orlando Taipa, Flávio Gonçalves, Luís Amaro de Oliveira, Pacheco Neves, Manoel de Oliveira, João Francisco Marques... que demandaram o “Diana Bar” da Póvoa. A memória de todos ilustra um lugar que importa preservar e dar vida.

**Lopes, Manuel** - “Davam grandes passeios aos domingos...”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 2001, p. 27-30.